

CONTRIBUIÇÃO PARA O INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DE PAREDES (PORTO)

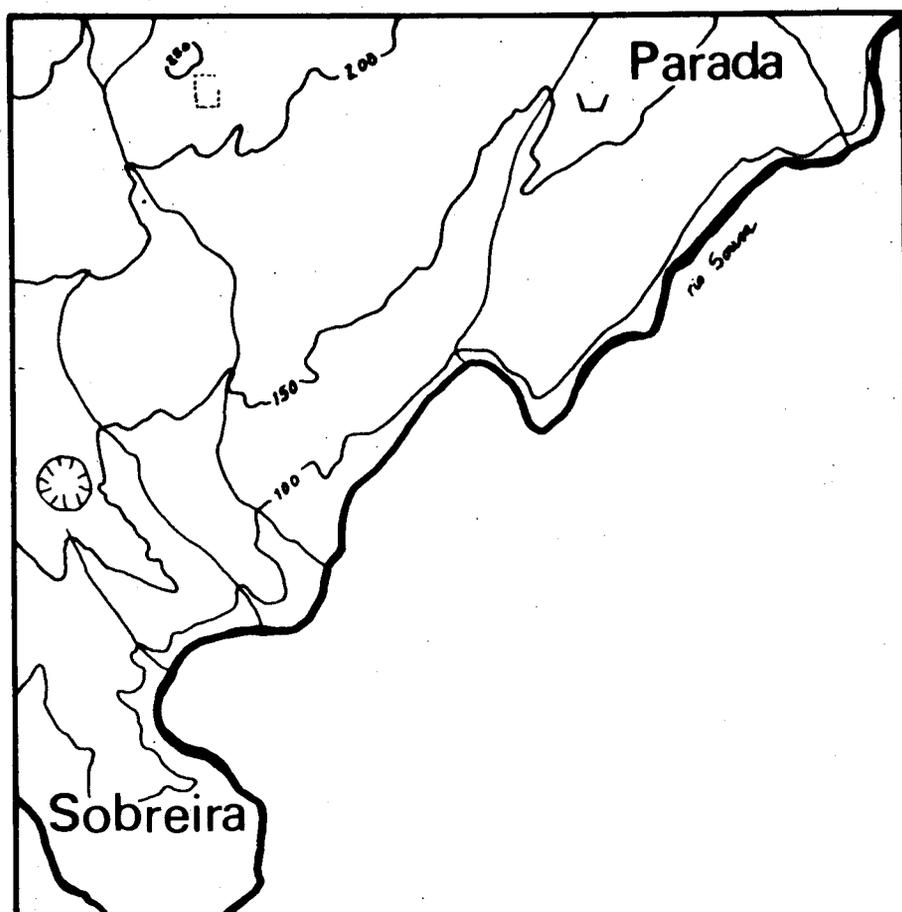
Teresa Soeiro

1. Covas de Castromil (Sobreira)

As minas romanas conhecidas sob a designação de Covas de Castromil encontram-se na freguesia de Sobreira, concelho de Paredes, distrito do Porto. A sua exploração foi, neste

século, entregue à Sociedade de Minas do Douro, couto mineiro n.º 2091, com alvará 129 III série, de 5 de Junho de 1944.

Castromil é uma pequena aldeia da margem do Sousa. Os habitantes ainda recordam a presença dos mineiros, gente vinda de fora, que



passava meses sem visitar as suas casas. Não nos sabem dizer ao certo quais os trabalhos antigos ou os realizados nos anos quarenta. A atitude das pessoas com quem falamos é de receio perante as enormes cortas e as galerias de que não conhecem o fundo nem a razão. Por isso mesmo vão entulhando as entradas com qualquer tipo de detritos, a fim de evitar que as crianças ou animais se percam no seu interior.

As explorações mineiras incidem sobretudo na encosta Nordeste de um esporão da Serra Queimada, já próximo da margem do rio Sousa (Est. I). Tomamos as coordenadas médias a partir da folha 123 VALONGO da Carta Militar de Portugal e obtivemos:

8° 23' 6 a 33" W

41° 9' 13 a 32" N

140 a 190 m

Hoje este espaço é monte, confrontado imediatamente com os terrenos de cultivo. O acesso está facilitado pela existência de caminhos que dão serventia aos campos e também pela pouca distância e baixa altitude a que se encontram as cortas e as bocas das galerias. Das minas visitadas apenas uma é ainda utilizada, para obter água.

Na Carta Geológica de Portugal, folha 9D PENAFIEL⁽¹⁾, verificamos ser esta uma área de contacto entre os granitos porfiroides de grão grosso e os xistos, marcada por uma fratura de direcção NW-SE e atravessada por filões de aplito-pegmatito. Os filões metalíferos aproveitados seguem várias direcções e constam genericamente de um enchimento de quartzo impregnado por pirites de ferro, pirites arséniaçais e limonite esponjosa, com possanças que variam entre 0,2 e 3 metros⁽²⁾.

Como aconteceu em outros casos dentro da Região Mineira do Douro⁽³⁾, também aqui foi a existência de vestígios de trabalho antigos que chamou a atenção dos novos exploradores. Começando por analisar as escórias espalhadas à superfície obtiverem, os interessados, por 1940, resultados promissores, entre 9,04 e 133,2 g/ton. para o ouro e 8,15 e 98,52 g/ton. para a prata. Estes valores talvez tenham sido algo exagerados para justificar a concessão das minas, pois três anos mais tarde novas análises não ultrapassaram 16,6 g/ton. para o ouro e 22,4 g/ton. para a prata. Com os últimos dados concorda a opinião de John Allan⁽⁴⁾, que afirma «os trabalhos modernos apenas revelaram esporádicos teores que, em caso algum, correspondem às dimensões dos antigos trabalhos. Nos fundos das cortas não se encontra, igualmente, nem filões nem enriquecimentos que justifiquem terem-nas aberto».

Também os teores das escórias antigas, que se concentravam numa área superior a meio

hectare, são baixos, de 1,5 para o ouro e 12,5 g/ton para a prata. A estes valores se refere Fernando de Almeida⁽⁵⁾.

É ainda J. Allan que nos desperta para a existência de um exemplar de «uma substância acinzentada, densa, parcialmente fundida, deu 55 g de ouro e 42 g de prata, por tonelada».

Munidos da planta (Fig. II), que nos foi amavelmente cedida, percorremos a encosta do monte, reencontrando as cortas assinaladas e a boca das galerias, na maioria das quais é impossível entrar devido às derrocadas.

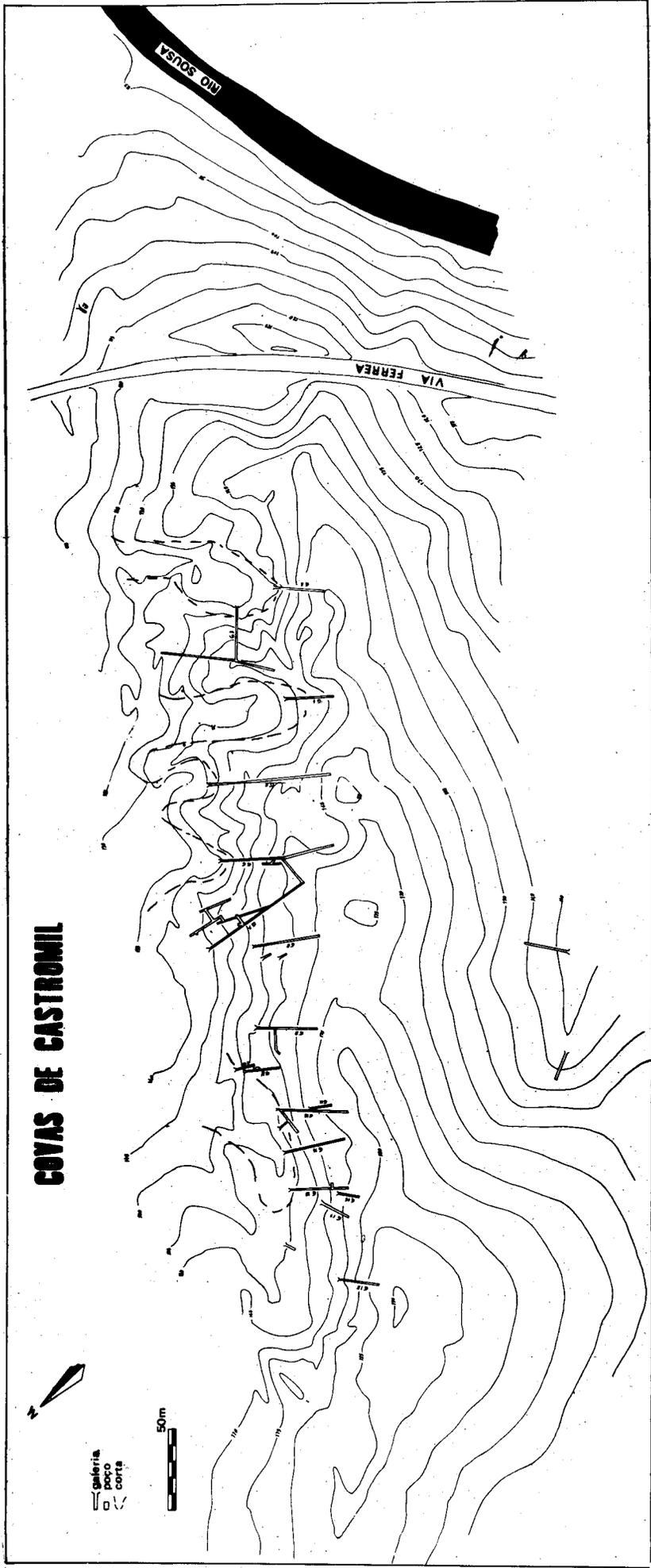
Para quem inicia o percurso partindo da linha do caminho de ferro, a primeira galeria com que depara (G1) do lado do rio é a única que está transformada, servindo como mina de água para regar os campos.

Na direcção contrária, prosseguindo no caminho que bordeja os campos, nova corta, desfeita para abrir caminho à via férrea, e logo adiante uma das maiores banjas, profunda, da qual partem duas galerias (G2 e G3) cujas bocas se encontram em pontos altos da parede da corta. Chegamos às entradas, mas as paredes de granito podre não eferecem a segurança mínima, estando o corredor imediatamente obstruído.

A banja seguinte, que sobe até à crista do monte e mostra uma entrada de galeria (G4) bastante alta, tem como particularidade a conservação de pequenos maciços, como que ilhas, desaproveitadas talvez por serem mais resistentes e estéreis, economizando-se assim a mão de obra. Na margem desta corta análises recentes obtiveram valores médios de 0,25 g/ton. para o ouro e 0,75 g/ton para a prata.

A galeria 5 parte do topo de uma banja de menores dimensões, e a 6, que a planta assinala como *antiga*, está em posição semelhante, mas arranca da parte mais baixa da parede (Est. II). Apesar da entrada estar alterada pela queda de blocos rochosos e do próprio saibro, supomos que esta galeria nunca deve ter tido um perfil bem esquadrihado como encontramos, por exemplo, nas Minas de Quinta. Os teores observados quer na galeria quer na corta são dos mais elevados de Castromil, chegando a 12 e 106 g/ton. respectivamente. Talvez esta seja a razão para que os trabalhos modernos retomassem a exploração da galeria, prolongando-a e ramificando-a, como também aconteceu com a seguinte.

A banja correspondente à entrada G7 está quase apagada pela abertura do caminho, não se podendo portanto apreciar as suas dimensões. À margem, a acumulação de restos de amostras, o tanque de água e as estruturas em cimento avisam-nos de que aqui se concentraram os mais recentes esforços para explorar as minas. Assim se justifica que a entrada da gale-



ria (Est. III, 1) se conserve bem talhada, com dois metros de alto por um de largo. As paredes visíveis, até ao local da decorracada, são a um lado granito e ao outro xisto, atravessadas por filões bastante inclinados. Perto da boca amontoam-se areias e restos de filão em que a pirite de ferro se encontra profundamente alterada.

Novas cortas se seguem a esta, ladeadas pelo caminho, mantendo o seu aspecto imponente, que infunde respeito e temor aos homens que vivem o seu quotidiano percorrendo o monte. Entulhar as entradas com lixo (Est. III 2) é a atitude de defesa tomada, que explicam por razões de segurança de criança e animais. Mas, o que temem que delas saia... ou que caminhos obscuros permitiram estes túneis percorrer?

2. O povoado e necrópole de Parada Todeia

Esta ocupação de época romana foi descoberta em 1921 e amplamente noticiada por Mendes Corrêa, que acompanhou a ocorrência dos vários achados, recolheu espólio⁽⁶⁾ e chegou mesmo e exumar uma sepultura aparecida em vala aberta por ordem sua⁽⁷⁾.

Localiza-se na encosta do cabeço onde está a igreja paroquial de Parada Todeia, dominando os campos que descem até ao Sousa, mas a 160m de altitude.

A coordenadas médias são:

8° 22' 11" W
41° 10' 8" N
160 m

Consta esta estação de um povoado aberto ou *casa*, como foi então designado, e três séries de sepulturas que, tudo indica, devem ser diferenciadas.

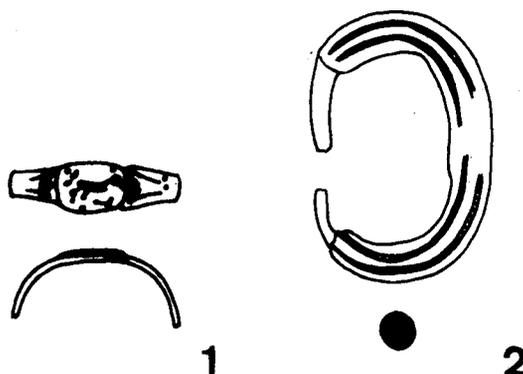
Dois grupos de enterramentos estavam organizados segundo a mesma orientação (para Norte), e eram formados por inumações das quais restavam alguns ossos. As caixas sepulcrais, construídas com tijolo, tégula, lousas e granito, apresentavam-se bem conservadas, cobertas, e tinham planta rectangular ou trapézoidal, em dois ou três casos com dimensões para criança. O espólio foi nulo ou de apenas algum fragmento cerâmico disperso.

O terceiro grupo de sepulturas não apresentava caixa nem conservava restos ósseos, mas continha abundante espólio, sobretudo cerâmico, distribuído, segundo o autor, em conjuntos de dois púcaros, um jarro trilobado e um prato por enterramento.

Destes materiais da necrópole pudemos estudar no Museu de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» os que de seguida se inumeram.

Em ferro temos vários pregos, alguns recolhidos dentro de um prato. De bronze é um anel (Fig. III.1), feito em lâmina fina, com

pouco esmero. A mesa é quadrangular, decorada por pontos incisos que ao centro formam uma figura de ave, bastante mal deliniada. O início de aro tem, em ambos os lados um motivo inciso. Esta peça pode ser comparada ao exemplar n.º 173 de Conimbriga⁽⁸⁾, anel com pássaro e palma gravados. Os paralelos europeus são dos séculos IV-V dC, discutindo-se o significado do motivo, que pode ser cristão.



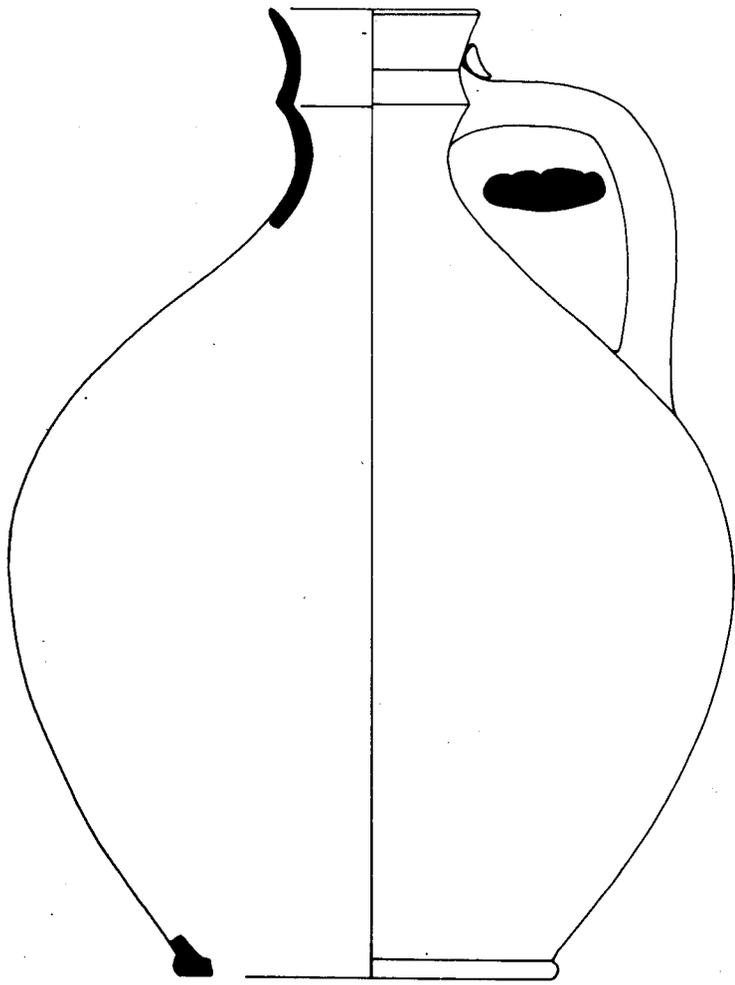
A época algo posterior⁽⁹⁾ deve ser atribuída a fivela da Fig. III.2, também em bronze. Trata-se apenas do arco, decorado com dois sulcos de fundo picotado, que se apagam na parte central, onde pousaria o fusilhão. A placa está, infelizmente, perdida, mas articular-se-ia nos dois terminais da argola, de secção circular e sem decoração.

A cerâmica é pouco variada, e repete as formas que são bem conhecidos nas necrópoles tardo-romanas.

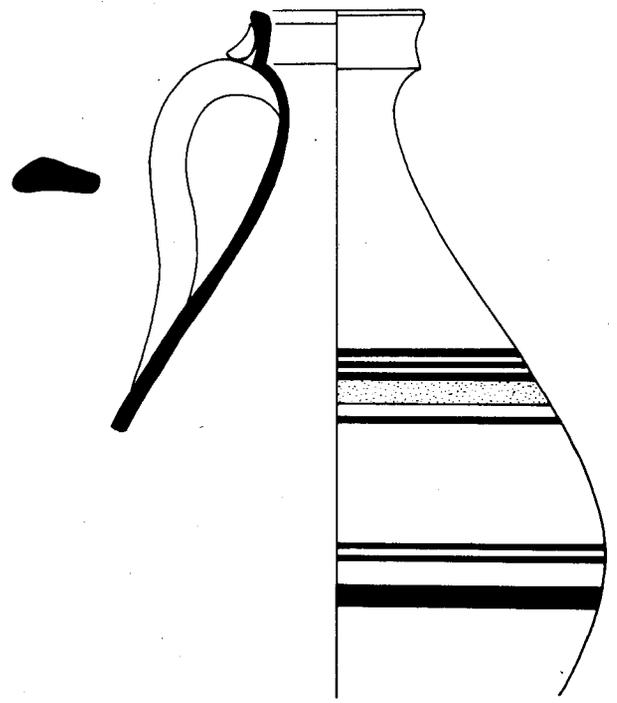
As almotolias (Fig. IV 1 a 3) são três, em pasta arenosa beje alaranjada, com superfícies alisadas e sem fuligem. As asas rematam junto da boca, com dedeiras. Mendes Corrêa não se refere à decoração que cobre um dos bojos. A superfície alisada, de tom castanho-dourado, apresenta desde os ombros uma decoração pintada, muito apagada, que se devia repetir na pança. São faixas castanhas escuras com uma branca entre elas.

Jarros trilobados (Fig. IV 4 e 5) temos dois quase completos e fragmentos de pelo menos outro. São em pasta arenosa castanho clara, com as superfícies alisadas por espatulado vertical, cobertas de fuligem. O bico trilobado é unido. Uma dedeira rebaixada esboça-se no alto da asa.

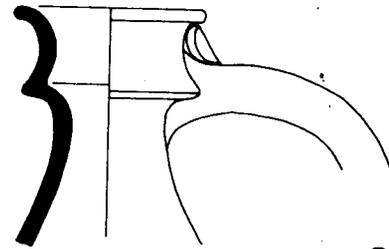
Púcaros há quatro (Fig. V. 1 a 4) ou possivelmente mais, mas o estado fragmentário de algumas peças não nos permite saber as suas dimensões e se teriam tido ou não asa (Fig. V. 5). As pastas de púcaros e/ou copos são acasta-



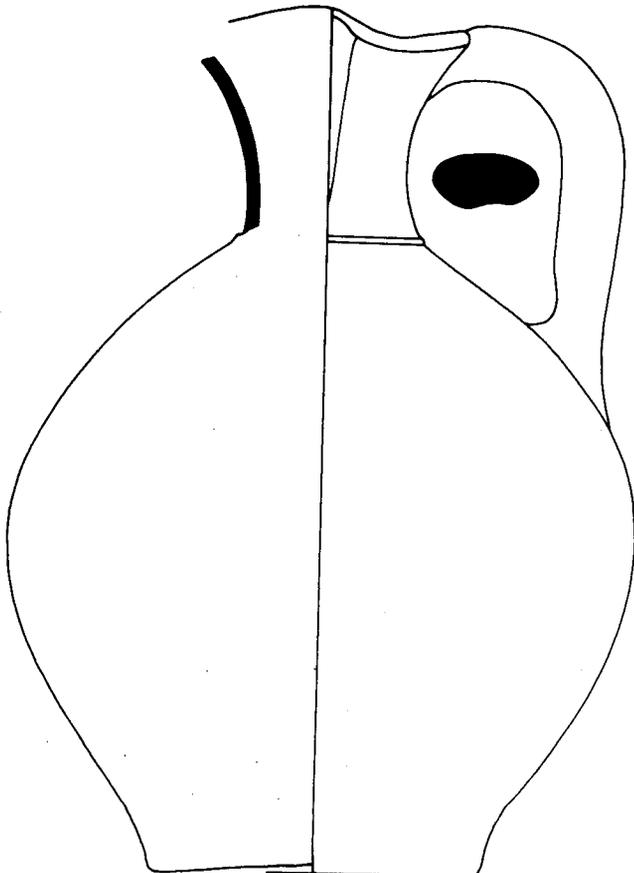
2



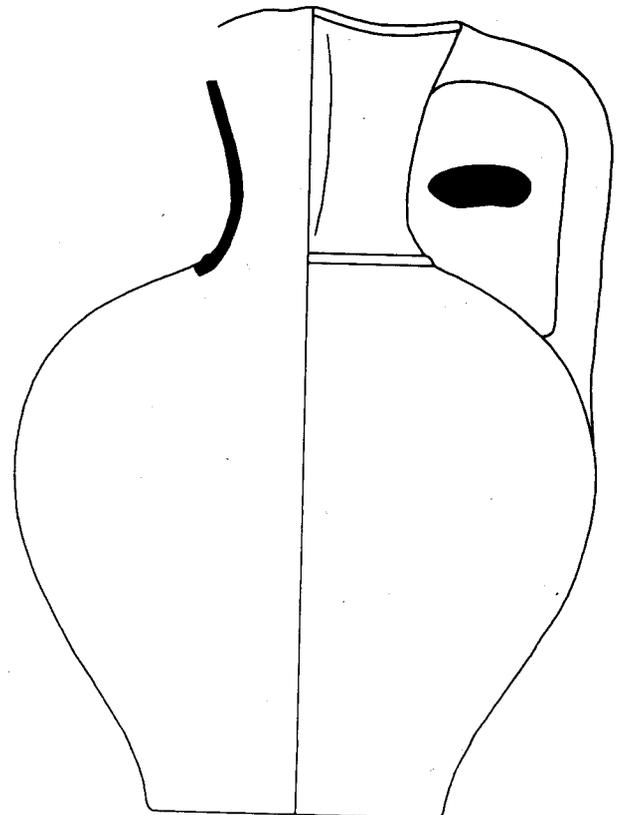
1



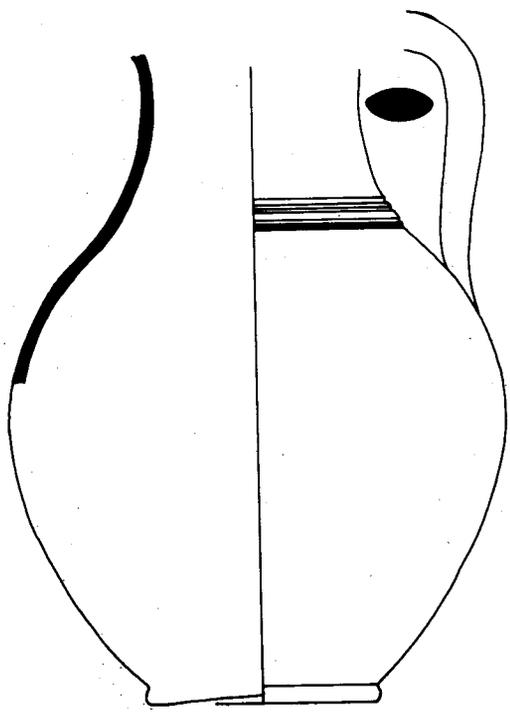
3



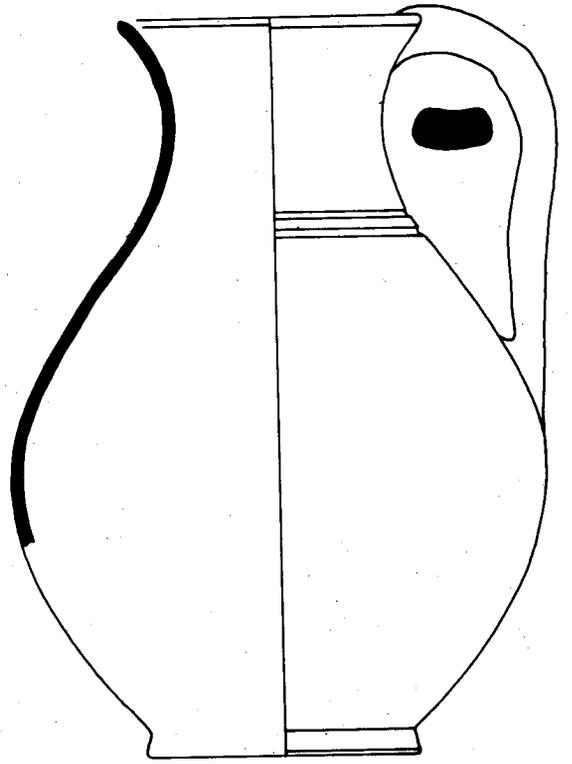
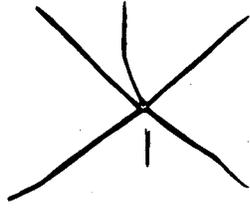
4



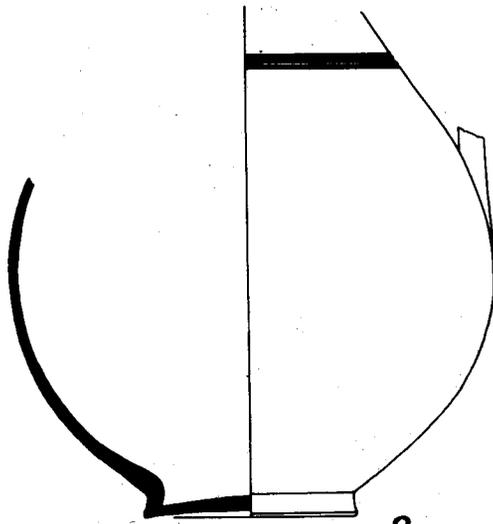
5



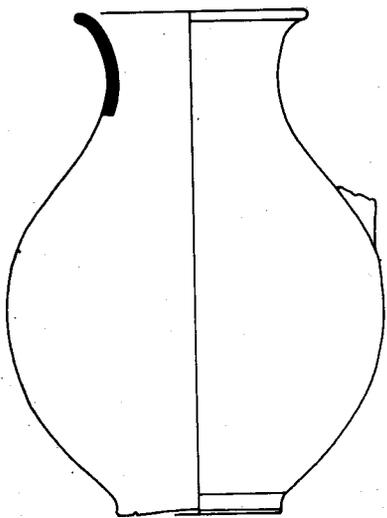
2



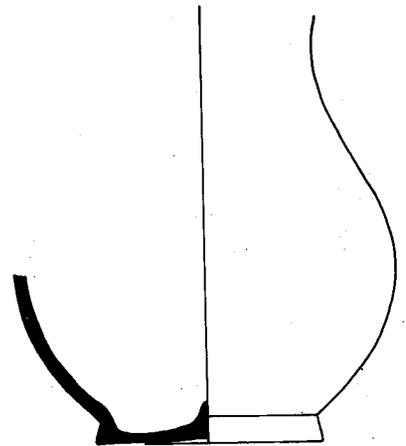
1



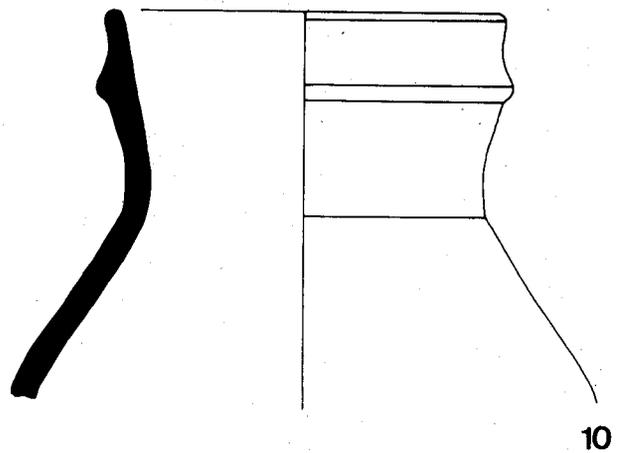
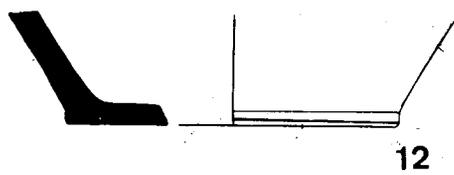
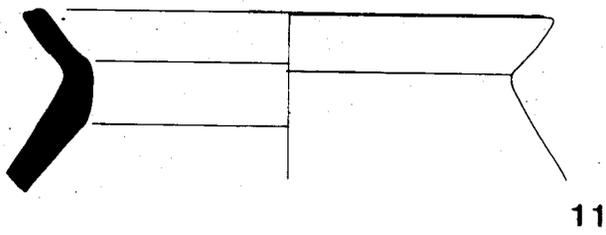
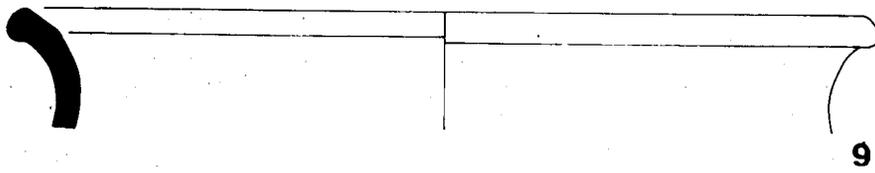
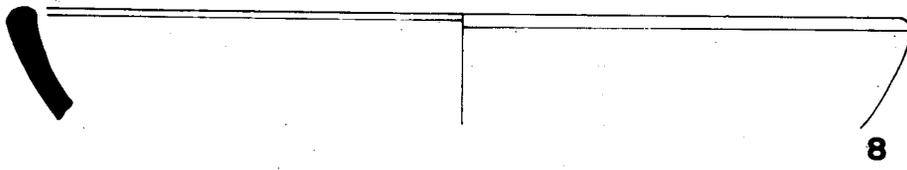
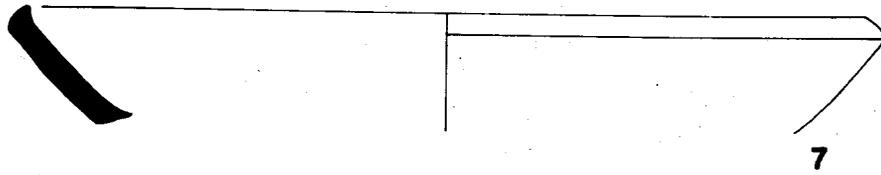
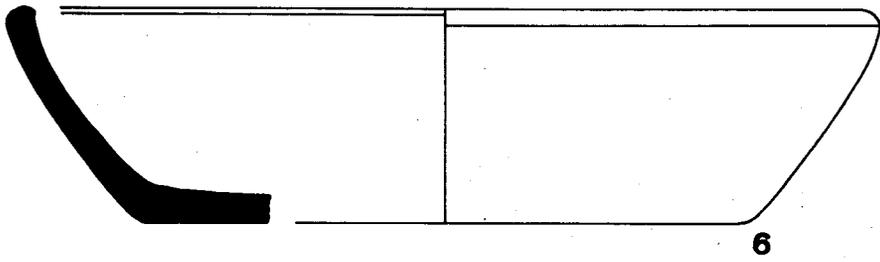
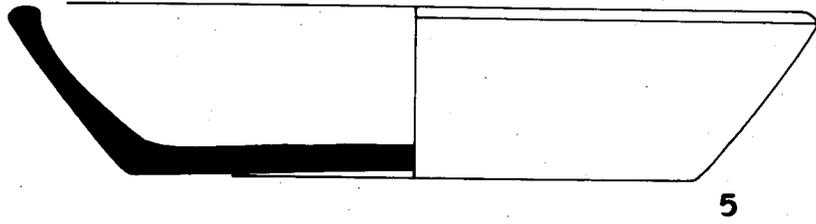
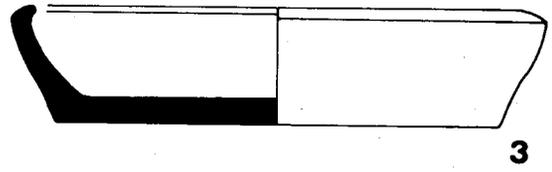
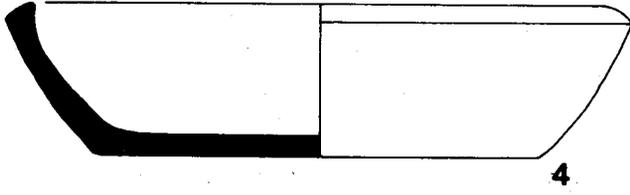
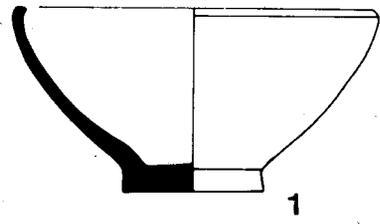
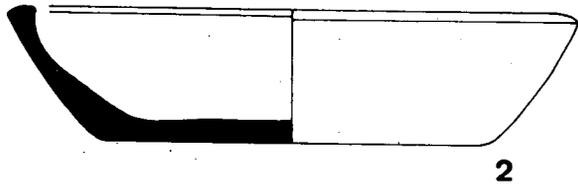
3



4



5



nhadas, alaranjadas ou mesmo bejes, mais finas do que as dos vasos anteriores. As superfícies estão bem alisadas, por vezes ostentam manchas de cozedura e raramente fuligem.

Alguns sulcos incisivos irregulares marcam em três dos vasos a passagem do colo à pança. O fundo, mais ou menos côncavo no exterior, apresenta num vaso um sulco leve em redor e em outro um grafito não alfabético aberto depois da cozedura.

Um destes púcaros foi recolhido com carvões no interior.

Tigela temos apenas uma (Fig. VI.1), em pasta arenosa castanha, com grãos visíveis à superfície e sem fuligem. Os pratos são quatro (Fig. VI 2 a 5), também em pasta arenosa castanha, com as superfícies alisadas e muito queimadas, excepto o último, talvez por ter perdido funcionalidade ao ficar torcido e disformado na cozedura. Num prato havia carvões e em outro pregos, como ficou dito.

Por fim, sabemos que vem destas sepulturas, de local indiscriminado, cinco moedas romanas em bronze, duas das quais não puderam ser lidas. As restantes foram atribuídas uma a Constantino I e duas a Constante.

Estaremos portanto face a mais uma necrópole de inumação, pelo menos de meados do século IV dC, embora haja referência a carvões. Curiosa é a falta de observação quanto a este tema e sobretudo ao sistema utilizado na preparação da sepultura. Diz-nos Mendes Corrêa que «não tinham paredes», mas isto bem pouco é. O material noticiado concorda com a cronologia apontada pelos numismas, e leva mesmo a prolongá-la, no caso do anel e particularmente da fivela, para lá dos finais do século. A insegurança é grande por falta de identificação dos conjuntos. Aliás, parte dos vasos perderam-se no momento do achado e outros guardam-nos particulares. Quanto à densidade de enterramentos ficou-nos uma nota de que haveria doze sepulturas em vinte e cinco metros quadrados. Mas, como podere-

mos deduzir a sua sincronia se o espólio não tem referência à sepultura de que proveio?

Os enterramentos do primeiro e segundo conjuntos, de paredes bem elaboradas, trapézoidais e sem espólio, serão certamente posteriores. Ainda utilizam tégulas mas, conhecemos essa prática para além do século IV, com bom paralelo por exemplo em Frende, Baião⁽¹⁰⁾.

Da casa ou povoado de Parada Todeia, vizinho da necrópole e muito provavelmente relacionado com o terceiro grupo de sepulturas, atendendo à semelhança do espólio, sabemos que tinha paredes construídas em granito, sendo um compartimento de planta quadrangular. Mendes Corrêa refere também que, para Sul da necrópole haveria, segundo o informaram, outros tramos de muros e restos de um mosaico.

O espólio metálico da área das construções é constituído por um alvado em ferro com 10 cm de comprimento e escórias de trabalho deste metal.

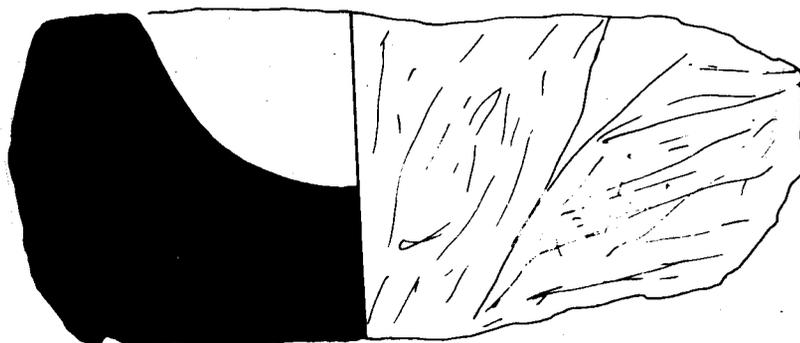
A cerâmica parece contemporânea da achada na necrópole mas, como seria de esperar, inclui panelas de lume em pasta grosseira com as paredes cobertas de fuligem (Fig. VI 9, 11 e 12) ao lado de pratos também para usar na lareira (Fig. VI 7 e 8) e de grandes dólios de provisões.

O bordo da Fig. VI 10 é de um vaso com colo quase vertical, fabricado em pasta castanha avermelhada, com sinais ténues de fuligem.

Os pedaços de tégulas, ímbrices e ardósias eram abundantes.

Em pedra, deram entrada no Museu amoladores, peças incompletas quadrangulares com um orifício e aquilo a que Mendes Corrêa chamou um cadinho (Fig. VII). Moinhos circulares, volantes e dormentes, ficaram no local.

Mais do que como caso particular, Parada Todeia é importante, mesmo com todas as dúvidas e lacunas de conhecimento, para a reconstituição da ocupação do vale do Sousa em época romana e eventuais perdurações e alterações ocorridas na mais alta Idade Média.



A este povoado aberto, com a sua necrópole, de clara vocação agrícola, onde se viveu pelo menos nos séculos IV e V dC, precisamos de juntar muitos outros para os tornar mais significativos e inteligíveis.

3. Castro (Parada Todeia)

Este topónimo, com que deparamos na Carta Militar de Portugal, folha 123 VALONGO, designa uns campos que estão na vertente de proeminente cabeço granítico, sobranceiro à freguesia de Parada Todeia. Está coberto de vegetação por entre a qual afloram penedos graníticos utilizados para a obtenção de pedra. As coordenadas são:

8.º 23' 17" W
41.º 10' 17" N
255 m

Percorremos o local sem achar vestígios significativos ou espólio. As pessoas com quem falamos ignoram a ocorrência de achados no monte. Assinalamos o topónimo, que confirmamos junto dos habitantes.

Sem podermos estabelecer qualquer relação segura, recordamos que nesta freguesia haveria um castelo, documentado desde recuado período medieval⁽¹⁾.

1 — MEDEIROS, A. Cândido de; PEREIRA, Eurico; MOREIRA, Armando — *Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 9D. Penafiel*, Lisboa, 1980.

2 — Direcção Geral de Geologia e Minas, processo n.º 2091.

3 — SOEIRO, Teresa — Monte Mòzinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel. Boleim Municipal de Cultura*, Penafiel, 3.ª série vol. I, 1984, p. 109 e segs.

4 — ALLAN, John — A mineração em Portugal na antiguidade, *Boleim de Minus*, Lisboa, vol. 2, 1965, p. 154-155

5 — ALMEIDA, Fernando — Minas de ouro na Gallacia portuguesa; *Legio VII Gemina*, León, 1970, p. 290-291

6 — Estes materiais encontram-se no Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» do Porto, sob os números de inventário M.A.21.01.01 a 21.01.30. Agradecemos ao director do Museu as facilidades concedidas para o estudo.

7 — CORRÊA, A.A. Mendes — A necrópole de Parada Todeia, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, vol. XXVI, 1923-1924, p.1 e segs.

A partir deste primeiro estudo deram notícias resumidas da necrópole

R. Verneau — *L'Anthropologie*, Paris, vol. XXXVIII, 1927, p. 416

R. Lantier — *Bulletin Hispanique*, Bordeus, vol. XXX, 1928, p. 69

Ver também: CORRÊA, A.A. Mendes — Uma necrópole de outras eras, *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 6/5/1921

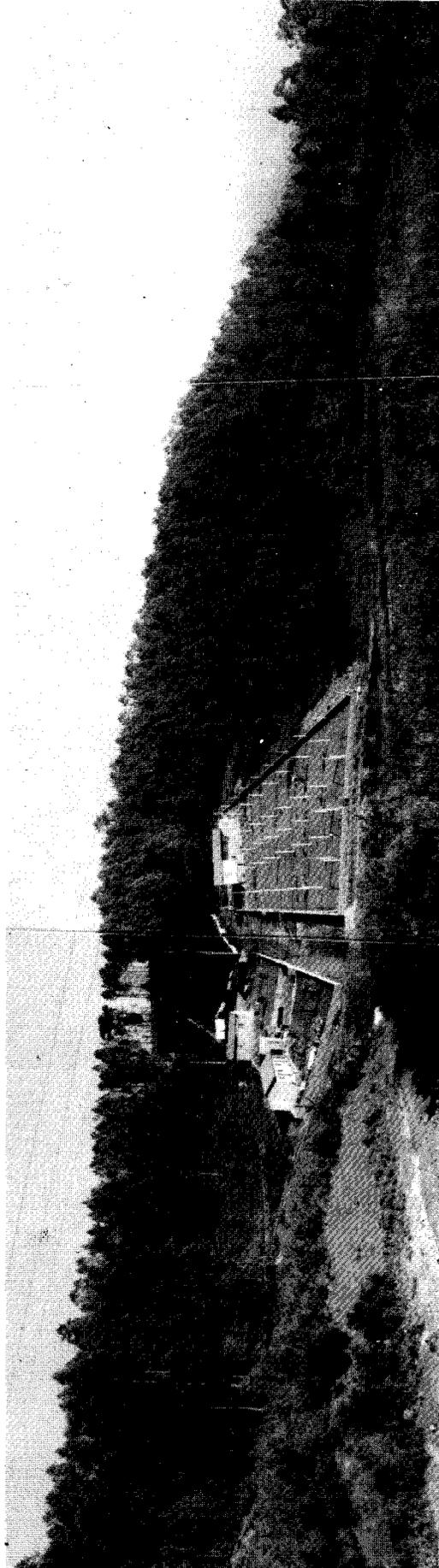
BARREIRO, José do — *Monografia de Paredes*, Porto, 1922-1924, p. 496-497 e 661

8 — ALARCÃO, J.; ETIENNE, R. — *Fouilles de Conimbriga*. Paris, vol. VII 1979, p.134-135

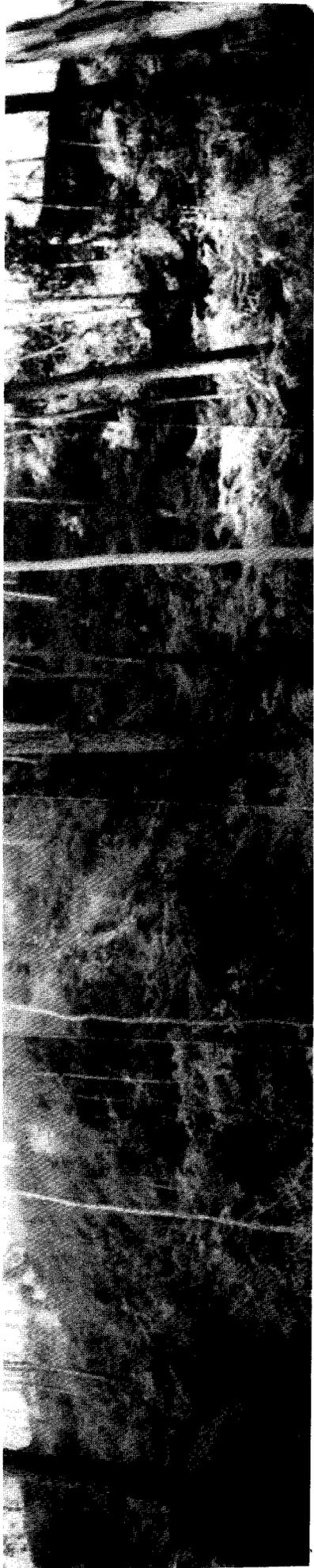
9 — *idem-ibidem*, p.97, n.º 70-73. PALOL, Pedro — La Necropolis de San Miguel del Arroyo y los broches hispanorromanos del siglo IV. *Boleim del Seminario de Estudios de Arie y Arqueologia*, Valladolid. v.XXXIV-XXXV, 1969, p.152 fig. 26

10 — ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de — Sondagens Arqueológicas em Frende (Baião), *Archaeológica Opuscula*, Porto, vol.1, 1975, p.29 e segs.

11 — ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de — *Castelologia medieval de Entre Douro e Minho*, Porto, 1978, p.44



Est. II



1



2



1



2